

ESTRATEGICAMENTE FALANDO DE ESTRATÉGIAS...*

Anna Rachel Machado Paes de Barros (PUC-SP)

A elaboração de um programa de ensino de leitura, com a especificação de seus objetivos, estratégias e conteúdos, está fundamentalmente ligada às pressuposições que nós, professores, temos a respeito dos processos mentais que estão envolvidos na consecução da tarefa de ler. Assim, é necessário que analisemos essas pressuposições de forma consciente, respondendo a algumas questões básicas:

- O que penso que caracteriza o processo de ler?
- Que tipo de habilidade o leitor eficiente desenvolveu?
- Que tipo de estratégias¹ utiliza?

Daí, decorre o resto. Um exemplo "ad absurdum", adaptado de Widdowson (1978), pode ilustrar bem essa questão: se considero que a compreensão envolve a habilidade de contar artigos definidos de um texto, necessariamente meu programa deverá refletir essa crença, contendo, portanto, itens como os seguintes:

- a) objetivo específico: criar condições para que o aluno desenvolva a habilidade de contar artigos;
- b) estratégia: levar o aluno a utilizar estratégias adequadas para a discriminação do artigo;
- c) conteúdo: o artigo definido e - quem sabe? - os números de um a mil, dois mil...

O que ocorre freqüentemente é que, não tendo pressupostos claros a respeito do processo global, levantamos estratégias de ensino de forma aleatória e não discriminamos conteúdos específicos que podem auxiliar o desenvolvimento de habilidades essenciais à compreensão. Não sendo dada a devida atenção ao problema nos cursos universitários e não tendo o professor de 1º e de 2º grau possibilidade de acesso a

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no 5º Congresso de Leitura do Brasil, realizado em Campinas, em 1985. Agradeço a Ângela B. Kleiman as valiosas sugestões para a presente versão.

bibliografia atualizada sobre o assunto, ele fica freqüentemente condenado à utilização passiva e acrítica dos livros didáticos que, em sua imensa maioria, não contam com especialistas da área para sua elaboração.

Em vista disso, o objetivo que tenho neste trabalho é o de apresentar um levantamento de algumas estratégias e do tipo de conhecimento utilizado por um leitor maduro, principalmente para a redução da informação semântica², na leitura de um texto específico, e, a partir daí, retirar algumas implicações desse levantamento para a elaboração de programas de ensino de leitura.

A metodologia utilizada foi a observação de meu próprio processo de leitura de um editorial da FOLHA DE SÃO PAULO, de Ruy Lopes (em anexo), fundamentada-me teoricamente no modelo de processamento de Van Dijk & Kintsch (1983).

Antes, porém, do relato desse processo, quero especificar que o sentido que estou atribuindo ao termo estratégia³ relaciona-se ao sentido habitualmente dado pela teoria de resolução de problemas e de tomada de decisão, tal como se encontra em Simon (1967) e Newell & Simon (1972).

Resumidamente, segundo a teoria, podemos definir como problema qualquer situação em que há distância entre um determinado estado inicial e um estado desejado e não sabemos como vencer essa distância. Resolver um problema significa, então, encontrar um modo apropriado de vencer essa distância. Para isso, precisamos, em primeiro lugar, de estabelecer um plano, que consiste na representação da ação que deve ser realizada, mais o resultado que se visa alcançar. Em segundo lugar, devemos procurar os meios mais eficazes para solucionar o problema, através de vários processos, entre os quais a análise dos meios e fins, isto é, do objetivo e do tipo de passos que podem levar-nos a atingi-lo. As estratégias serão exatamente esses passos. Se eles consistirem em ações mentais, podemos dizer que, então, as estratégias representam um certo tipo de comportamento cognitivo.

Com referência à compreensão de leitura, podemos dizer que aqui também temos um problema, na medida em que temos de passar de um estado mental inicial para um outro estado mental. O plano, então, consistirá na representação mental da ação de ler, mais o resultado final pretendido, que deve ser a representação semântica do texto na memória, de forma que nosso estado de conhecimento, por exemplo, apresente alguma transformação. Para atingir esse resultado, utilizamos tanto estratégias de ordem geral de conhecimento como estratégias propriamente linguísticas que consistem em representações globais dos meios de se atingir o objetivo da forma mais efetiva e menos custosa possível. Frise-se que essas estratégias não se comportam como regras⁴, mas sim como instruções globais para cada escolha que se tem de fazer no decorrer da ação, de forma que cada passo mental forneça informação necessária para o próximo passo.

Verifiquemos, então, que tipo de estratégias segui durante a leitura do editorial, mais especificamente para a construção da macro-estrutura semântica(ME)⁵, isto é, para a construção da representação do conteúdo global do texto, num processo de redução da informação semântica. Restringirei, portanto, a questão ao processo de

formação de macro-proposições(MP),⁶ i. é, de proposições que resumem seqüências de proposições, sem, entretanto, pretender dar uma descrição completa do mesmo, mas apenas uma amostragem.

Em primeiro lugar, o que motivou a leitura do texto foi o desejo de conhecer meu próprio processo de redução de informação semântica, o que, certamente, pode provocar refutação a qualquer conclusão mais geral, se se tiver uma exigência de metodologia científica mais ortodoxa. Entretanto, assumi o risco, considerando que a consequência mais imediata desse tipo de procedimento seria justamente a de passar as estratégias de leitura que normalmente utilizo automática e inconscientemente para o nível do consciente e que isso só contribuiria, se a construção da macro-estrutura for considerada adequada, como argumento para a necessidade de se conscientizar os estudantes sobre o uso dessas estratégias.

Em segundo lugar, havia uma outra motivação para a leitura desse texto específico: o desejo de conhecer opiniões de outra pessoa a respeito de qualquer assunto referente à política nacional. A ação que me pareceu mais eficaz para atingir os dois objetivos foi ler um editorial do jornal Folha de São Paulo. Assim, meu plano inicial consistia mais ou menos nisso:

AÇÃO

Ler editorial da Folha

RESULTADO PRETENDIDO

Estado de conhecimento mais atualizado e mais informado sobre política nacional e sobre processo de leitura.

A primeira estratégia utilizada pode ser descrita da seguinte forma:

ESTRATÉGIA I - Busque conhecimento prévio, incluindo-se aí crenças, valores e atitudes sobre política nacional, jornal, Folha de São Paulo, tipos de discurso e processamento de leitura.

Assim, antes mesmo de abrir o jornal, eu já havia ativado um conjunto de informações que, resumidamente, eram mais ou menos as seguintes:

A. Conhecimento de mundo

1. Conhecimento geral sobre política nacional atual
2. Os jornais fornecem informações e opiniões sobre fatos diários
3. A Folha é um jornal

B. Crenças, opiniões ou atitudes

1. Concordo com algumas posições do governo e discordo de outras.
2. Particularmente, tenho restrições à privatização das estatais.

3. Gosto da folha, com algumas restrições à parte informativa.
4. A Folha apresenta opiniões diversificadas.
5. Dirige-se a um público de classe média, a intelectuais, entre os quais me incluo.
6. Gosto das posições de alguns editorialistas e de seu estilo.
7. Alguns deles são bastante críticos em relação ao governo.

C. Conhecimento do tipo de discurso

1. Os editoriais assinados expressam a opinião de um autor determinado sobre assunto político atual. (Tipo de tópico possível)
2. A intenção do editorialista é, normalmente, a de convencer o leitor, isto é, de levá-lo a mudar de opinião ou a reforçar a que já tem a respeito de um assunto. (Tipo de ato perlocucionário possível)
3. Normalmente, o editorialista declara, expõe, demonstra, argumenta. (Tipos de atos de fala ilocucionários possíveis)
4. O tipo de discurso é polêmico, no sentido de que o editorialista leva em conta o leitor, não impondo o discurso, mas procurando lhe dar uma direção, de acordo com as pressuposições que têm a respeito de seu leitor virtual. (Tipo de interação)
5. Sendo a interação indireta, visto que os interlocutores não se encontram frente a frente, o autor deverá ser mais explícito, suprimindo a ausência de contexto físico comum a ele e ao leitor e tentando interagir com o leitor, supondo suas reações durante a leitura. (Tipo de estratégias discursivas próprias da produção escrita)
6. Normalmente, os editoriais apresentam a seguinte estrutura: Exposição de Fatos Atuais - Visão do Autor sobre esses fatos - Justificativas para essa visão - Conclusões. (Tipo de super-estrutura possível)

Esse conjunto de conhecimentos permitiu-me iniciar a leitura com hipóteses suficientemente fortes sobre o tópico que o texto desenvolveria, guiando-me por estratégias gerais do tipo especificado por Van Dijk & Kintsch (1983):

ESTRATÉGIA II - Limite a busca do tópico segundo as características gerais da situação.

ESTRATÉGIA III - Decida que tópicos são diretamente funcionais para a realização da interação e dos objetivos pragmáticos do autor.

ESTRATÉGIA IV - Decida que tópicos são característicos do tipo de discurso esperado neste contexto interacional.

Para confirmar as hipóteses e, mais ainda, para restringi-las, guiei-me

pelas estratégias V e VI:

ESTRATÉGIA V - Leia o título e restrinja a busca do tópico de acordo com a informação dele obtida.

ESTRATÉGIA VI - Leia o nome do autor e procure informação relevante para o estabelecimento do tópico.

A leitura do título não só confirmou as hipóteses como restringiu-as ao tópico Privatização das estatais, o que acionou conhecimento prévio referente a esse assunto. O nome do autor, por sua vez, acionou conhecimento a respeito de suas posições e de seu estilo, tais como:

1. Gosto dos artigos de Ruy Lopes.
2. Normalmente são irônicos.

Esses dois conjuntos de conhecimento - sobre o assunto e sobre o autor - mais o conhecimento de princípios que regem as interações verbais⁷ - auxiliaram-me a interpretar o título em sentido metafórico, uma vez que, sabendo que é falso dizer que existem bandeiras privadas em sentido literal, neste contexto, supus que o que o autor realmente queria comunicar é que:

MP₁ : Existem muitas pessoas falando ardorosamente pró privatização das estatais.

o que foi selecionado como sendo a primeira macro-proposição, com base na seguinte estratégia:

ESTRATÉGIA VII - Construa a primeira MP baseando-se na informação proveniente do contexto, do nome do autor e do título.

Assim, ao iniciar a leitura do primeiro parágrafo, eu estava esperando que o autor me fornecesse informação relacionada à MP₁. A estratégia utilizada para encontrar MP₂ foi a seguinte:

ESTRATÉGIA VIII - Limite a busca da próxima MP às proposições que trouxerem informação nova.

Conseqüentemente, escolhi:

MP₂ - Mas ninguém está falando a sério.

Ao mesmo tempo, o apagamento das outras proposições foi motivado por

uma estratégia do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA IX - Apague informação que já estiver contida em MP_1 .

Escolhidas as duas primeiras macro-proposições, eu já poderia assinalar sua função em relação aos outros fragmentos, isto é, a categoria super-estrutural a que pertencem, segundo estratégia do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA X - Assinale a categoria super-estrutural das macro-proposições, levando em conta o tipo de discurso, as informações semânticas e estruturais, incluindo-se aí informação sobre os operadores argumentativos.

Assim, ao encontrar o conectivo mas, usei conhecimento sobre o valor argumentativo de estruturas do tipo: $[p, \text{mas } q]$ - que podem ser interpretadas como: sendo p argumento para uma conclusão r e q argumento a favor de r , $[p \text{ mas } q]$ é argumento a favor de r . Essas considerações me levaram a levantar a hipótese de que MP_1 (-p) seria, em relação à super-estrutura, um Argumento para uma Conclusão do tipo: "Então, todos têm interesse real na privatização" e que MP_2 seria um Argumento Contrário, que levaria a uma conclusão contrária a que se poderia tirar de MP_1 . Então, dessa forma, essa estrutura apontava-me a direção que deveria tomar o discurso, que seria algo como: "Então, não há interesse real na privatização, há outros interesses" -- que deveria ser a Tese ou Conclusão que o autor deveria comprovar, pois é uma afirmação polêmica, não evidente por si mesma.

Na leitura do segundo parágrafo, a estratégia que utilizei para encontrar a informação relevante foi a seguinte:

ESTRATÉGIA XI - Limite a busca da próxima MP às justificativas para o que foi dito em MP_2 , ou à conclusão da estrutura $[MP_1, \text{mas } MP_2]$.

Ao encontrar a expressão para demonstrar que, o conhecimento dos tipos de atos de fala ilocucionários característicos dos editoriais levou-me a selecionar imediatamente a proposição subordinada a ela como a mais provável candidata a MP_3 , uma vez que nela se encontra o conteúdo proposicional de um ato de fala fundamental em discursos argumentativos, explicitamente marcado pelo autor, que é o ato de demonstrar. Assim, seleccionei:

MP_3 : (Portanto) os interesses são outros - e de natureza política.

que foi marcada como sendo a tese geral que o autor defenderia, guiando-me por uma estratégia do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA XII - Seleccione como relevante e provavelmente como a tese do autor, neste

tipo de discurso, o conteúdo proposicional dos atos de fala do tipo de demonstrar.

O apagamento das outras proposições do segundo parágrafo foi guiado por uma estratégia do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA XIII - Neste tipo de discurso, apague as proposições que expressem fatos que sirvam de exemplos.

que também foi aplicada às proposições do terceiro parágrafo, do qual nada foi selecionado.

Já na leitura do quarto parágrafo, a estratégia utilizada foi a seguinte:

ESTRATÉGIA XIV - Limite a busca da próxima MP às proposições que concluem o exemplo.

Assim, ao encontrar o conectivo logo, o conhecimento de seu valor argumentativo levou-me a selecionar a proposição que ele introduz como a mais provável candidata a MP₄, já que aí se encontra a conclusão. Nessa seleção ainda esteve envolvida uma estratégia de apagamento do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA XV - Entre várias proposições, em que uma seja argumento e a outra conclusão, apague a primeira.

Selecionada então "Nossos capitalistas teriam de empregar bilhões de dólares no negócio, para ganhar uns parcos 5% ao ano, com muito custo", utilizei mais uma estratégia de redução de informação semântica, a generalização, que se pode sintetizar da seguinte maneira:

ESTRATÉGIA XVI - Substitua proposições por uma MP mais genérica que as englobe.

resultando daí:

MP₄ - (Visto que)⁹ nossos capitalistas teriam de gastar muito e ganhar pouco.

A partir da seleção dessa última idéia, o que penso de capitalistas em geral me fez inferir, antes mesmo de começar a ler o quinto parágrafo, a próxima MP, que foi a seguinte:

MP₅ - (Então) eles não vão querer comprar as estatais.
considerando-a como conclusão final do exemplo, de acordo com uma estratégia do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA XVII - Assinale a categoria de conclusão à MP inferida de uma MP anterior pelo processo inferencial se...então.

A leitura do 5º parágrafo só me serviu então para confirmar a inferência feita, sendo, portanto, apenas um suporte retórico, uma reafirmação. Pela estratégia VII (Limite a busca da próxima MP às proposições que trouxeram informação nova), nada foi selecionado daí.

Na leitura do sexto parágrafo iniciei a busca de informação relevante guiada por uma estratégia do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA XVIII - Limite a busca da MP à informação que vai permitir a passagem lógica da conclusão do exemplo à conclusão geral defendida em MP₃.

Entretanto, essa estratégia foi inoperante, uma vez que o autor não apresentou no sexto parágrafo a informação procurada, mas sim retirou uma outra conclusão de MP₅, o que me levou a utilizar outra estratégia, do seguinte tipo:

ESTRATÉGIA XIX - Selecione como relevante a MP que for conclusão da MP anterior.

o que me levou a selecionar:

MP₆ - (Portanto) não existem recursos para privatização alguma na outra linha enquanto o apagamento das outras proposições do parágrafo foi motivado por uma estratégia do tipo:

ESTRATÉGIA XX - Apague a possível refutação às conclusões defendidas pelo autor.

Ao iniciar a leitura do sétimo parágrafo, o reconhecimento visual de que se tratava do último, e a crença de que o autor deveria ser coerente e relevante, devendo, portanto, informar-me sobre os reais interesses políticos em jogo, que até então não especificara, levaram-me a utilizar novamente a estratégia XVIII para a busca da informação relevante, o que me levou a selecionar:

MP₇ - (Portanto) os ministros querem a bandeira de defensores da iniciativa privada, com vistas à próxima reformulação ministerial.

que foi marcada como sendo a conclusão geral da justificativa de sua tese inicial, a de que "os interesses são outros e de natureza política".

O apagamento das outras proposições desse parágrafo resultou da utilização das seguintes estratégias:

ESTRATÉGIA XXI - Entre proposições que se estruturam na forma não p ... mas q, de

forma explícita ou implícita, apague não p.

ESTRATÉGIA XXII - Apague as proposições que forem consideradas como sendo normalmente inferidas da MP anterior.

A inferência aqui não é uma inferência necessariamente lógica, mas derivada do conhecimento prévio de como as pessoas normalmente agem. Se os ministros defendem a privatização com vistas à próxima reformulação ministerial, baseando-me em meu conhecimento de como os ministros agem em geral, infiro que eles a defendem para permanecer no cargo. Assim, essa informação é redundante e, conseqüentemente, apagada.

Assim, terminei a leitura chegando a uma representação satisfatória do conteúdo global do texto, representação essa constituída pelas macro-proposições apontadas.

A partir dessa descrição, podemos distinguir entre três tipos básicos de estratégias envolvidas na construção da macro-estrutura semântica, de acordo com o tipo de informação que buscam ou utilizam:

1. Estratégias Contextuais - que buscam ou utilizam informação cultural, social e interacional relevante para a situação de comunicação e para a compreensão do texto, que permitem o levantamento de hipóteses sobre os tópicos possíveis. (II - III - IV)
2. Estratégias Textuais - que buscam ou utilizam informação relevante do próprio texto e que se subdividem em:
 - 2.1. estratégias de utilização de marcas explícitas - que buscam ou utilizam informação dos sinais explicitamente deixados no texto pelo autor. (V - VI - VII)
 - 2.2. estratégias semânticas - que buscam ou utilizam informação semântica das palavras, orações e seqüências de orações realmente expressas ou delas inferidas. (VIII - IX - XVI - XXII).
 - 2.3. estratégias pragmáticas - que buscam ou utilizam informação sobre os tipos de atos de fala efetivamente realizados. (XII)
 - 2.4. estratégias esquemáticas - que buscam ou utilizam informação relacionada ao esquema super-estrutural do texto. (XI - XIV - XVIII)
3. Estratégias de utilização de conhecimento prévio - que buscam ou utilizam informa-

ção do conhecimento prévio necessário para a seleção e a interpretação da informação relevante do contexto e do texto, assim como de suas relações. Pertencem a esse tipo de estratégias, não só as que buscam ou utilizam conhecimento geral do mundo, mas também as que utilizam conhecimento linguístico-discursivo como as estratégias de redução que podem ser aplicadas a diferentes textos que tenham estruturas semelhantes (X - XII - XV - XVI - XVII - XIX - XX - XXI).

É preciso salientar, entretanto, que essa divisão é de ordem metodológica, uma vez que existem estratégias, como as textuais, que utilizam vários tipos de informação ao mesmo tempo. A apreensão das informações textuais depende também das informações contextuais e do conhecimento prévio. Essa divisão, entretanto, se justifica pelo fato de que a informação obtida do texto desempenha um papel mais relevante do que nos outros tipos de estratégias.

Uma outra divisão que se pode fazer é a que leva em conta o grau maior ou menor de aplicabilidade. Assim, verificamos que temos:

1. Estratégias gerais - aplicáveis a qualquer tipo de texto (de I a X - XVI - XXI - XXII)
2. Estratégias específicas - que se aplicam a um tipo específico de texto, condicionadas pela estrutura textual e que dependem, portanto, do conhecimento que o leitor tem da estrutura canônica desse tipo de texto. Exemplo claro são as estratégias esquemáticas.

Após essa classificação do tipo de estratégias que foram utilizadas, podemos dar também um quadro geral do tipo de conhecimento utilizado e, portanto, do tipo de conteúdo que os alunos devem dominar para realizar uma tarefa semelhante a essa:

- conhecimento geral sobre o assunto abordado;
- conhecimento do contexto sócio-cultural em que o discurso é produzido, incluindo-se aí os papéis dos participantes, dos tipos de interação, dos assuntos, objetivos, atos de fala e discursos possíveis, da ideologia e dos valores do grupo social, e das diferenças de estilo envolvidas em cada situação;
- conhecimento dos tipos de interação possíveis numa determinada situação concreta, o que envolve conhecimento de intenções, objetivos e motivações possíveis do escritor em relação a mudanças do estado cognitivo ou de ação do leitor;
- conhecimento dos diferentes atos de fala relacionados a cada tipo de discurso;

- conhecimento do valor semântico dos operadores argumentativos.

Além desse tipo de conhecimento, que se pode chamar de declarativo ou substancial¹¹, que consiste no conhecimento de conteúdos, é necessário ainda o conhecimento procedural ou formal, que consiste no conhecimento das próprias estratégias.

Embora elas sejam freqüentemente utilizadas de forma automática e inconsciente pelo leitor maduro, algumas pesquisas¹² já confirmaram que exercícios que levem à sua utilização, ou que as tornem explícitas, podem contribuir para um melhor desempenho do aluno.

Enquanto o conhecimento declarativo, principalmente o de mundo, é muito diversificado, as estratégias têm um caráter mais geral e sistemático, podendo ser trabalhadas com maior rigor pelo professor. Elas podem e devem ser aprendidas, até que se automatizem. Podemos concluir ainda que, se elas envolvem tanto informação textual quanto contextual, maior facilidade haverá para sua aplicação e, portanto, para sua aprendizagem, quanto mais pistas houver no contexto e no texto. Sendo assim, o professor deve preocupar-se continuamente em fornecer as pistas ausentes e de difícil acesso ao aluno. Ainda mais: visto que o uso desse conhecimento é estratégico, pois depende também dos objetivos de cada leitor, o professor deve ter a preocupação constante de fixar os objetivos de forma clara, previamente, de forma que os alunos possam tomá-los como realmente seus, para que consigam representar planos adequados para realizar a tarefa. Freqüentemente, o que é considerado como uma "má leitura" pode ser, nada mais, nada menos, do que uma leitura que tem um outro plano em mente, o qual difere do plano do professor, mas que atinge plenamente os objetivos pessoais do aluno.

Além disso, visto que há estratégias que variam de acordo com o tipo de texto, cabe ao professor fazer uma análise prévia das estratégias que ele próprio utiliza na leitura de um texto específico, para que possa criar exercícios adequados à aprendizagem.

A importância da aprendizagem dessas estratégias fica mais evidente quando assumimos, junto a Parret(1983), que "para compreender a significância de fragmentos da língua é preciso compartilhar estratégias comuns."¹³ Não sendo elas privadas, mas dependentes da comunidade, envolvem, portanto, um conhecimento compartilhado pelos membros do grupo, conhecimento esse que é construído nas diferentes situações de interação social. O que defendo, portanto, é o acesso a esse conhecimento. Quanto à questão política de que isso apenas serviria como mais um instrumento para a manutenção das relações de dominação, tomo como minhas as palavras de Feyerabend¹⁴: "Um anarquista é como um agente secreto que participa do jogo da Razão para solapar a autoridade da Razão."

NOTAS

1. O sentido que estou atribuindo a esse termo será definido no decorrer do texto.
2. Para maiores detalhes sobre esse processo de redução, cf. VAN DIJK, T. (1977) e (1978)
3. Para outras utilizações do termo, cf. KATO, M.A. (1983).
4. Para a distinção entre regras e estratégias, cf. PARRET, H. (1983), VAN DIJK, T. & KINTSCH, W. (1983).
5. Para esse conceito, cf. VAN DIJK, T. (1977), (1978)
6. Idem.
7. Cf. GRICE, H.P. (1975)
8. Para as questões sobre o valor semântico dos operadores argumentativos, cf. DUCROT, D. (1973 ; VOGT, C. (1977); GUIMARÃES, E.R.J. (1981).
9. A substituição do conectivo logo por visto que se deve ao fato de que a função da proposição iniciada por eles é diferente no nível micro-estrutural. No primeiro, ela é conclusão do exemplo e no segundo, argumento para MP₅. A mesma explicação vale para a introdução ou substituição de outros conectivos em outras MPs.
10. Cf. VAN DIJK, T. & KINTSCH, W. (1983).
11. Cf. de BEAUGRANDE, R. (1980)
12. Cf. BROWN, A.L. (1980); BROWN, A.L., et al. (1981); KLEIMAN, A.B. & TERZI, S. (1978); PAES DE BARROS, A.R.M. & ROJO, R.H. (1984).
13. Cf. PARRET, H. (1983), p. 22.
14. Cf. FEYERABEND, P. (1975), p.43.

BIBLIOGRAFIA

- BROWN, A.L. (1980). "Metacognitive Development and Reading", in Spiro et al. (eds.), 1980, pp. 453-482.

- BROWN, A.L. et al. (1981). "Learning to Learn: On training Students to Learn from Texts". in Educational Researcher, 10, nº 2.
- de BEAUGRANDE, R. (1980). Text, Discourse and Process. Freedle ed. New Jersey: ABLIX Publishing Corp.
- DASCAL, M. (ed.) (1982). Fundamentos metodológicos da lingüística, 4, Campinas, S.P.: UNICAMP.
- DUCROT, O. (1973). La Preuve et le Dire. Paris: Maison Mame.
- FEVERABEND, P. (1975). Contra o método. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.
- GUIMARÃES, E.R.J. (1981). "Estratégias de relação e estruturação do texto", in Sobre a Estruturação do Discurso. Campinas, S.P.: UNICAMP.
- GRICE, H.P. (1975) "Lógica e Conversação", in Dascal (ed.), 1982.
- KATO, M.A. (1983). "Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos", in Cadernos PUC, 16, EDUC/PUC/SP.
- KLEIMAN, A.B. & TERZI, S. (1981). "A Self-Correcting Approach to Reading in a Foreign Language", in Ensaio de lingüística, 5, Belo Horizonte, M.G.: UFMG.
- NEWELL, A. & SIMON, H.A. (1972). Human Problem Solving. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- PAES DE BARROS, A.R.M. & R.H. Rojo. (1984) "Metodologia de Ensino Integrado de Leitura/Produção de Textos Dissertativo-Argumentativos a nível de 3º Grau" (inédito). PUC/SP.
- PARRET, H. (1983). "Regularidades, regras e estratégias", in Cadernos de Estudos Lingüísticos 8, Campinas, S.P.: UNICAMP.
- SIMON, H.A. (1967). "The Logic of Decision Making", in N. Rescher (ed.), 1967.
- SPIRO, R.J. et al. (eds.) (1980). Theoretical Issues in Reading Comprehension. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- RESCHER, N. (ed.) (1967). The Logic of Decision and Action. Pittsburg: Pittsburg, University Press.

VAN DIJK, T.A.(1977). Text and Context. London: Longman.

_____ . (1978). The Puerto Rico Lectures, Amsterdam. (inédito).

_____ & KINTSCH, W. (1983). Strategies of Discourse Comprehension. New York: Academic Press.

WIDDOWSON, H.G. (1978). Teaching Language as Communication, Oxford: Oxford University Press.

As bandeiras privativas

Brasília

A febre da desestatização voltou a assolar o País. De um momento para outro, surgem idéias de privatizar todos os setores em que a presença do Estado não seja essencial, a começar pela Siderurgia. Mas ninguém está falando a sério, naturalmente.

Para demonstrar que os interesses são outros — o da natureza política —, examinemos a situação do setor siderúrgico. Deve-se observar, desde logo, que essa área sempre foi aberta à iniciativa privada, que dela participa na exata medida de seu desejo. Se os governos tomaram a peito a construção das grandes usinas, é porque os empresários não manifestaram o propósito de investir nesses projetos. E sem produção o Brasil teria seu desenvolvimento prejudicado.

Suponhamos, apenas para efeito de raciocínio, que neste momento a iniciativa privada queira adquirir o controle acionário das siderúrgicas e disponha do capital necessário para a operação. Nesse caso, parece mais do que evidente que o Estado deveria desocupar imediatamente a área, entregando-a aos particulares.

Entretanto, a hipótese acima mencionada provavelmente não é correta. Uma regra de validade universal determina que os lucros médios no setor siderúrgico mal alcançam os 5% ao ano. Entre nós, a política de contenção de preços para favorecer a competitividade dos produtos de exportação faz com que a rentabilidade seja ainda menor. Logo, nossos capitalistas teriam de empregar bilhões de dólares no

negócio, desafiando os riscos que envolvem o futuro da siderurgia, para ganhar uns magros 5% ao ano, com muito custo.

Quem entrasse nesse negócio deveria ganhar medalha de herói nacional, em grau máximo, por excesso de patriotismo. Como todos sabem, o governo toma dinheiro emprestado, com os títulos do Tesouro, pagando 20% ao ano, sem risco nem trabalho. Em vez de comprar as siderúrgicas, que rendem apenas 5%, por que os empresários não fazem o outro negócio, que dá quatro vezes mais?

A resposta é óbvia: não existem recursos para a privatização nenhuma, exceto para aquelas fórmulas de pagamento em cinquenta anos, sem juros nem correção monetária, e com vinte anos de carência. Uma derrogação disfarçada de patrimônio público.

Os ministros que estão agitando o tema da desestatização por certo não devem fazer esse tipo de cálculo. O que eles querem é a bandeira de defensores da iniciativa privada, com vistas à reformulação ministerial que vem aí, no mais tardar em fins de setembro. Quando os auxiliares imbuídos de esquerdismo forem lançados ao mar, essas idéias desestatizantes garantirão a sobrevivência de seus autores.

Ruy Lopes

FOLHA DE SÃO PAULO, 09.08.85